O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES DO TURISMO NO MEIO RURAL

Cleomar César Macedo Costa

Clézia de Souza Santos

Gregório Guirado Faccioli

RESUMO: O turismo de base comunitária tem se destacado como alternativa ao desenvolvimento local. Por este motivo, este trabalho buscou promover um debate a cerca das relações existentes entre o segmento turístico e o meio ambiente, especificamente quanto ao Turismo de Base Comunitária a partir do ambiente rural. Para tanto, a metodologia aplicada baseou-se em dados secundários, que foram coletados através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental. Dessa forma, foi realizado levantamento bibliográfico, sendo elaborado um Estudo da Arte, com o intuito de chamar a atenção para a importância do tema e as experiências de sucesso que vem sendo apresentada por todo país. Concluiu-se que a implantação de um turismo de base comunitária provoca a valorização da identidade cultural das populações, gera emprego e renda, elevando o nível econômico e social das comunidades.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária; Meio ambiente; Desenvolvimento Local.

ABSTRACT: The community-based tourism has emerged as an alternative to local development. Therefore, this study aimed to promote a debate about the relationship between the tourism sector and the environment, specifically the Community Based Tourism from the rural environment. Therefore, the methodology used was based on secondary data, which were collected through the literature and documentary research. Thus, we conducted literature review and produced a study of the art, in order to draw attention to the importance of the subject and the experiences of success that has been presented throughout the country. It was concluded that the implementation of a community-based tourism causes the enhancement of cultural identity of the people, generates employment and income, raising the level of economic and social communities.

Keywords: Community-Based Tourism; Environment; Local Development.

1. INTRODUÇÃO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) tem se destacado no meio acadêmico, no setor público e na mídia, especialmente na América Latina. Esse fato decorre das inúmeras experiências de sucesso acerca da organização deste segmento turístico. Em âmbito nacional, os objetivos da Política Nacional de Turismo, em seu artigo 5º, demonstram a importância de compatibilizar a atividade turística com o desenvolvimento econômico e social, em conjunto com a preservação do meio ambiente, a participação da comunidade receptora e a preservação da identidade cultural dos residentes da localidade.

A apreciação de bibliografia específica e a experiência apontam que o turismo no espaço rural necessita de uma melhor compreensão, uma vez que determinados aspectos permanecem ambíguos, exigindo debates e a divulgação de casos sucedidos de forma positiva ou negativa, tão imprescindível para a prática e para a sistematização de conhecimentos. A dificuldade para se estudar o Turismo Rural advém, primordialmente, da ambiguidade do termo e dos critérios utilizados para delimitar espaços rurais e urbanos. (TULIK, 1997).

Objetivando discutir as possibilidades e limitações do turismo no meio rural, entendido como o conjunto das atividades recreativas não associadas apenas ao pernoite (seguindo a terminologia sugerida pela Organização Mundial do Turismo) em áreas rurais, no contexto da geração de emprego e renda e da conservação ambiental, DALE *et al* (1998), este trabalho buscou promover um debate a cerca da possibilidade de demonstrar as interações positivas e negativas que permeiam as relações existentes entre o segmento turístico e o meio ambiente, especificamente quanto ao Turismo de Base Comunitária a partir do ambiente rural. Este tema visa mostrar que há possibilidade de compatibilizar o turismo com o meio ambiente, o homem com a natureza, promovendo o desenvolvimento social e econômico da região, além de colaborar na preservação das áreas naturais, das tradições locais.

Para tanto, foi realizado levantamento bibliográfico, sendo elaborado um Estudo da Arte, com o intuito de chamar a atenção para a importância do tema e as experiências de sucesso que vem sendo apresentada por todo país. Portanto, a metodologia aplicada baseou-se em dados secundários, que foram coletados

através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica tem o objetivo de levantar a bibliografia publicada relacionada ao assunto em estudo. A pesquisa documental utiliza materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou não foram elaborados cientificamente. Dessa forma, a coleta de dados secundários foi realizada através de livros, periódicos, dissertações de mestrado, doutorado, legislação e normas, documentos governamentais, revistas, internet, dentre outros.

2. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

O Turismo brasileiro enquanto setor econômico é reconhecido como importante gerador de divisas capaz de gerar oportunidades de trabalho e renda e de contribuir para a redução das desigualdades regionais e sociais em diferentes pontos do nosso território, (BARTHOLO *et al*, 2009).

O crescimento da atividade turística, assim como de outras atividades econômicas, requer planejamento e ordenamento para minimizar os impactos negativos e, principalmente, potencializar os positivos. Entretanto, em diversas regiões do país, observamos que a expansão desordenada resultou na sobreposição dos impactos negativos, inclusive com prejuízo no médio prazo para a preservação da imagem do destino.

A prioridade para a dimensão estritamente mercadológica, em detrimento dos princípios da sustentabilidade social, cultural, ambiental, provoca a desestruturação da cultura local, descaracteriza ambientes naturais, estimula a especulação imobiliária e exclusão territorial de residentes. Esses impactos são ainda mais deletérios nas localidades mais pobres onde a expansão do turismo é apresentada como alternativa de melhoria das condições sociais, mas se transforma em fator de agravamento da situação social (SILVA *et al*, 2009).

Para se contrapor aos impactos negativos do turismo e aproveitar os benefícios da atividade, observa-se que em algumas localidades, de diferentes países, por meio da mobilização e organização da sociedade civil, surgiram diversas iniciativas diferenciadas, baseadas nos modos de vida locais. Nestas experiências as dimensões da sustentabilidade são pré-requisitos para a estruturação da oferta

das atividades turísticas, como as redes de comércio justo no turismo, as ações ligadas ao turismo responsável, ações de desenvolvimento local endógeno e o fomento a práticas de economia solidária na cadeia produtiva do turismo (SILVA *et al*, 2009).

O Plano Nacional de Turismo 2007-2010 ressalta a questão da inclusão social, visto que a atividade pode proporcionar melhorias socioeconômicas para as populações residentes em locais onde se desenvolva o turismo com base na sustentabilidade.

Unido a esse fator, o comportamento do consumidor de turismo vem mudando e, com isso, surgem novas motivações de viagens e expectativas que precisam ser atendidas. Em um mundo globalizado, onde se diferenciar adquire importância a cada dia, os turistas exigem, cada vez mais, roteiros turísticos que se adaptem às suas necessidades, sua situação pessoal, seus desejos e preferências. Como resposta a essa situação, surgem às novas propostas de alternativas ecologicamente mais benéficas para satisfazer as necessidades do turismo de massa. Destaca-se, então, a modalidade de turismo de base comunitária. Ela é capaz de, ao mesmo tempo, gerar desenvolvimento social e econômico, e colaborar na conservação e preservação das áreas naturais de importância global, das tradições e da cultura rurais (BRASIL, 2010).

Na literatura acadêmica encontram-se diversas denominações para essa atividade, dentre as quais se tem o chamado turismo comunitário, turismo de base comunitária, turismo solidário, de conservação e sustentável, dentre outros. Talvez por este motivo, existam diversos conceitos que geram uma falta de consenso acerca deste segmento turístico. De acordo com o Silva, Ramiro e Teixeira (2009, p.362), o Turismo de Base Comunitária é a “busca da construção de um modelo alternativo de desenvolvimento turístico baseado na autogestão, no associativismo/cooperativismo, na valorização da cultura local e, principalmente, no protagonismo das comunidades locais, visando à apropriação, por parte destas, dos benefícios advindos do desenvolvimento do setor”.

Diferente do paradigma convencional, o TBC é uma atividade turística em que as ofertas de serviços, passeios e entretenimentos estão intrinsecamente ligadas aos valores dos autóctones, preferindo o rústico e não o luxo, vinculados a

atividades que dizem respeito à sustentabilidade socioambiental, priorizando os valores culturais. Nessa atividade, o turismo não está apenas voltado ao consumo, mas à troca de experiências, fortalecimento de laços de amizades e valorização cultural (CORIOLANO, 2009).

Neste segmento turístico, a atividade é desenvolvida pelos "próprios moradores de um lugar que passam a ser os articuladores e os construtores da cadeia produtiva", de forma que a renda e o lucro ficam na própria comunidade, melhorando, assim, a qualidade de vida local. Apesar dessa especificidade, essa atividade não se diferencia das modalidades convencionais ao utilizar serviços de hospedagem e alimentação, promovendo a integração da vivência (CORIOLANO, 2003, p.41).

Desse modo, Coriolano (2009, p. 282) define o turismo comunitário como "aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo". De acordo com o autor, o visitante é levado a interagir com o lugar e com os autóctones, sejam eles pescadores, indígenas, quilombolas, dentre outros.

No TBC, o controle produtivo da atividade é feito de forma integrada e participativa, exercida pela população local, desde o planejamento até o desenvolvimento e gestão dos arranjos produtivos (CORIOLANO, 2009). É baseado na autogestão, no associativismo/cooperativismo, na valorização da cultura local e, principalmente, no protagonismo das comunidades locais (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009).

A importância social do TBC é destacada por Turisol (2010) quando afirma a existência de práticas democráticas e solidárias no trabalho e na distribuição dos benefícios que são gerados com a prestação de serviços buscando o encontro cultural com os visitantes.

De forma complementar, Turisol (2010) define o TBC como aquele no qual as populações locais possuem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento e gestão, e está baseado na gestão comunitária ou familiar das infraestruturas e serviços turísticos, no respeito ao meio ambiente, na valorização da cultura local e na economia solidária. Para Sampaio, Henriquez e Mansur (2011) é uma atividade

que se apresenta como estratégia de sobrevivência, de conservação dos modos de vida, troca de experiências, preservação do meio ambiente, além de se valer do consumo solidário de bens e serviços.

O contato direto dos visitantes com o meio natural e cultural é a principal característica do turismo de base comunitária (SANSOLO; BURSZTYN, 2009). Vale dizer que a distinção para o turismo convencional é a dimensão humana e cultural, que tem como objetivo incentivar a comunicação e encontros interculturais entre visitantes e residentes, buscando conhecer e aprender com os modos de vida das comunidades (MALDONADO, 2009).

Outra característica bastante importante no TBC é a dominialidade. De acordo com Fabrino (2013, p. 164) é fundamental que a comunidade local possua o controle efetivo das atividades relacionadas ao turismo. Segundo a autora, não há TBC sem a dominialidade, pois é dele que "decorre a criação de uma reserva de mercado em favor da comunidade e o desenvolvimento/fortalecimento de uma cadeia produtiva do turismo".

Silva, Ramiro e Teixeira (2009) destacam, ainda, os princípios que orientam o TBC: economia solidária, associativismo, valorização da cultura local e participação da comunidade local. Além destes, Coriolano (2009) relaciona outros princípios, relacionados abaixo:

a) Princípio das necessidades sentidas: as iniciativas de trabalho nas comunidades devem partir das necessidades sentidas pela população;
b) Princípio da participação: envolvimento profundo da população residente;
c) Princípio da cooperação: buscar parcerias com setores públicos e privados;
d) Princípio da autosustentação: os processos de transformações econômicas e sociais precisam ser susceptíveis de gestão, manutenção e controle comunitários, mediante mecanismos que previnam os efeitos perversos de possíveis alterações provocadas por interesses externos;
e) Princípio da universalidade: o sucesso é devido à população na sua totalidade, e não apenas a pequenos grupos.

De modo geral, o TBC é caracterizado pela participação da comunidade no processo de desenvolvimento da atividade turística, contribuindo para a valorização da identidade local e preservação do território nos aspectos econômico, ambiental, cultural e social.

3. ESTADO DA ARTE

Esta seção demonstra alguns estudos realizados sobre a temática de Turismo Comunitário. A partir deste levantamento é possível perceber a importância que o tema vem ganhando no universo científico. Todas demonstram o papel fundamental desse segmento turístico para o desenvolvimento local, além da grande contribuição para a preservação ambiental. As pesquisas arroladas a seguir demonstram os sucessos, as dificuldades e anseios pelas quais passam a comunidade que participa diretamente da atividade turística. Entretanto, o objetivo foi somente demonstrar e indicar pesquisas semelhantes acerca do tema deste estudo.

Buscando verificar a viabilidade de elaboração de um circuito alternativo de turismo em Foz do Iguaçu, Pires et al. (2011) utilizou-se da pesquisa ação. Esta teve como foco a criação de um circuito de turismo rural em pequenas propriedades rurais, sob a orientação da Universidade Federal do Paraná – ITCP/UFPR e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – INDIOS/UNIOESTE, Projeto Rede Solidária Agroecológica – RESA e a organização não governamental Instituto de Desenvolvimento de Estudos Interdisciplinares, Ambientais e Sustentáveis – IDEIAS, com o apoio do Ministério do Turismo – MTur e da Secretaria Municipal de Turismo do município de Foz – SMTU. A pesquisa mostra todas as etapas e dificuldades pelas quais os empreendedores passaram até a devida implantação do circuito intitulado “Circuito Iguaçu de Turismo Rural – CITUR”. De acordo com os autores, as ações do projeto tem se desenrolado de forma satisfatória, principalmente devido à integração da rede de trabalho, formada por ITCP/UFPR, INDIOS/UNIOESTE, IDEIAS, ITEPA, VEMSER, CITUR, MTur, FINEP e SMTU, e à disposição e entusiasmo da comunidade.

A partir da experiência de Turismo de Base Comunitária da parte sudoeste da Microbacia do Rio Sagrado, a qual é composta pelas comunidades rurais de Rio Sagrado de Cima, Canhembora, Brejumirim e Candonga, localizadas em Morretes (PR), Zamignan e Sampaio (2010) desenvolveram um estudo com o objetivo de identificar o perfil e a percepção dos visitantes na localidade, analisando a contribuição do Turismo de Base Comunitária na conservação da sociobiodiversidade local. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação participativa, utilizando-se também de dados, obtidos em 2009, oriundos da aplicação de questionários aos turistas que visitaram a região. Os autores concluíram que, apesar de incipiente, a experiência de Turismo Comunitário do Rio Sagrado, foi avaliada pelos visitantes com alto nível de satisfação e de qualidade. Além disso, a experiência consolida a identidade das comunidades tradicionais, pois possibilita uma maior aproximação entre visitante e visitado, havendo o compartilhamento do cotidiano e dos costumes da população local.

Araujo e Gelbcke (2008) realizaram estudo com o objetivo de discutir as perspectivas do turismo comunitário sob o contexto da hegemonia da economia capitalista, a qual impõe padrões de consumo que reforçam as diferenças sociais e econômicas, diminuem a diversidade cultural, dificultam as iniciativas endógenas e se apropriam dos recursos naturais. Os autores utilizaram duas experiências em Santa Catarina - os agricultores das encostas da Serra Geral e as comunidades de pescadores tradicionais da Lagoa de Ibiraquera. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, fundamentalmente na vivência técnico-científica dos autores nas duas experiências citadas. Apesar do relativo sucesso das experiências, os autores destacaram os principais entraves e perspectivas do turismo comunitário, dentre os quais se podem citar: a necessidade de apoio e cooperação com outros setores sociais; o esforço conjunto entre poder público, instituições de ensino e pesquisa e sociedade civil, além de uma mudança paradigmática nos níveis da economia, da política, da educação, da ciência e da tecnologia, ou seja, uma mudança relativa à sociedade de consumo.

Além destes, há no Brasil a Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário – Turisol, sendo uma articulação de organizações que desenvolvem projetos de turismo solidário e comunitário no país. Através da ação coletiva e do

intercâmbio, a rede busca fortalecer as iniciativas existentes e fomentar novas experiências, na tentativa de tornar o Brasil um país referência no turismo comunitário. Atualmente, a rede é composta por 23 iniciativas localizadas em 10 estados do Brasil. A título de conhecimento, dentre as iniciativas, é relevante destacar a Rede Tucum (composta por 12 comunidades do litoral do Ceará), o projeto Silves (Amazonas) e a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (Santa Catarina) (TURISOL, 2010).

A Rede Tucum é uma articulação de comunidades que se propõe a realizar o turismo de base comunitária no Ceará, integrando a perspectiva de fortalecer a relação entre sociedade, cultura e natureza, com justiça ambiental. A rede é composta por comunidades tradicionais localizadas na Zona Costeira do Ceará, a Associação Mulheres em Movimento (AMM), o Alojamento Frei Humberto (MST) e organizações parceiras de apoio institucional. A rede é formada por integrantes das populações indígenas, pescadores e agricultores e oferecem serviços turísticos de hospedagem, alimentação, trilhas ecologias e passeios pelo mar (TURISOL, 2010).

Criada em 2001, a Rede Tucum reúne hoje treze comunidades litorâneas em diferentes municípios. Atualmente, compõem a rede: Tatajuba (município de Camocim), Curral Velho (Acaraú), Caetanos de Cima (Amontada), Flecheiras (Trairí), Etnia Tapeba (Caucaia), Etnia Índigena Jenipapo-Kanindé (Aquiraz), Batoque (Aquiraz), Prainha do Canto Verde (Beberibe), Assentamento Coqueirinho (Fortim), Ponta Grossa (Icapuí), Tremembé (Icapuí), Centro de Formação Frei Humberto (MST em Fortaleza) e Associação Mulheres em Movimento (Conjunto Palmeiras, Fortaleza) (TURISOL, 2010).

Duarte (2013) desenvolveu estudo com o objetivo de identificar as principais ações que a Rede Tucum realiza para o fortalecimento do turismo de base comunitária no Ceará. Para tanto, utilizou-se da abordagem qualitativa e o método documental, através de sites, documentos e relatórios da rede. De acordo com a autora, a reprodução do turismo de base comunitária sugere grandes desafios, tais como a participação e envolvimento de todos da comunidade, bem como a visibilidade das comunidades pelo poder público.

O projeto "Silves: um projeto de Ecoturismo Comunitário na Amazônia Brasileira", está situado no município de Silves, estado do Amazonas. Localiza-se a

300 km a leste de Manaus e o acesso se dá por estrada ou barco. Possui aproximadamente 8 mil habitantes, é rica em culturas tradicionais, tem diversos atrativos ambientais e oferece um enorme potencial para o desenvolvimento do ecoturismo (BURSZTYN, 2005).

Executado pela Associação de Silves para Preservação Ambiental e Cultural (ASPAC) com apoio técnico do WWF e financiado pelo Governo da Áustria e WWF, o referido projeto teve como objetivo viabilizar o primeiro empreendimento comunitário de Ecoturismo da Amazônia, com renda utilizada em prol da conservação do sistema de lagos de pesca da região e para a melhoria da qualidade de vida dos ribeirinhos que dependem basicamente da agricultura e da pesca para sua subsistência (BURSZTYN, 2005).

A partir desse projeto foi construída a Pousada Comunitária Aldeia dos Ventos, em uma área privilegiada cedida pela prefeitura local. Essa pousada foi criada com o objetivo de dar sustentabilidade ao projeto. De acordo com Bursztyn (2005), o sucesso do projeto Silves representa geração de renda e um desafio de gerenciamento para a Associação e para a Cooperativa de prestadores de serviços da pousada (Cooptur). É importante destacar que, além dos benefícios citados, parte da renda gerada pelo projeto é destinada a atividades de proteção dos lagos da região.

Guzzatti (2003) desenvolveu um estudo com o objetivo de sistematizar e analisar as estratégias utilizadas para a elaboração de um programa de agroturismo no território conhecido como “Encostas da Serra Geral Catarinense”, para que este programa possa servir de referência para outras localidades com potencial e interesse em desenvolver a atividade. Para tanto, a autora voltou-se para uma identificação de conceitos e para a sistematização e a análise das estratégias utilizadas para a implantação de um circuito de agroturismo em cinco municípios das "encostas da Serra Geral Catarinense”, quais sejam: Rancho Queimado, Anitápolis, Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna e Gravatal.

De acordo com a autora, a implantação do programa de agroturismo nas Encostas da Serra Geral teve início no final de 1998, quando aconteceram as primeiras articulações para uma possível experiência. A participação da Cepagro - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo e da Agreco - Associação

dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral, ambas ligadas à agricultura familiar, foram fundamentais para o desencadeamento do processo.

As estratégias adotadas para a implantação do agroturismo na região conhecida como “Encostas da Serra Geral” alcançaram seus objetivos, sendo que o circuito encontra-se em funcionamento e é considerado referência para projetos desta natureza no Brasil. O sucesso do projeto pode ser percebido através da premiação pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário em 2002 (Prêmio Destaque do MDA – categoria: diversificação da economia rural) e pelo Prêmio ODM - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio em 2005 (promovido pela Organização das Nações Unidas – ONU). Além disso, um marco importante para a associação foi a seleção, por parte do Ministério do Turismo, para que a Acolhida na Colônia integrasse o grupo dos 10 destinos referência, representando o segmento rural (GUZZATTI, 2003).

Por outro lado, Fortunato e Silva (2013) também apontam que o turismo comunitário pode produzir conflitos internos, principalmente pela falta de homogeneidade acerca do turismo a ser desenvolvido pela comunidade. Os autores realizaram um estudo sobre turismo comunitário na Prainha do Canto Verde (CE) e, a partir de entrevistas realizadas com atores sociais envolvidos na atividade, concluíram que alguns grupos disputam preferências diferentes por um determinado modelo de turismo. Para eles, seria um equívoco afirmar que o turismo comunitário não acarreta tensões e conflitos internos, sendo necessário pensar nos conflitos e nas ambivalências.

4. EXPERIÊNCIAS VISITADAS

O pesquisador buscou conhecer casos já implantados de turismo de base comunitária para obter um embasamento prático e vivenciar a experiência de um turista que visita essa prática turística. Para tanto, foram pesquisas realizadas na internet, com o intuito de localizar experiências a cerca do tema. Deste modo, foram realizadas duas visitas a empreendimentos localizados distante geograficamente. Em Sergipe, encontra-se uma experiência ainda incipiente, que se chama Projeto

Tainha. Em Foz do Iguaçu, localizado no estado do Paraná, é possível encontrar o Circuito de Turismo Rural de Foz do Iguaçu (CITUR).

4.1 Projeto Tainha

O Projeto Tainha, localizado na comunidade de Ponta dos Mangues, aproximadamente 22km da sede do município de Pacatuba/SE foi idealizado por Thatiana Carvalho, bióloga, mestre em biotecnologia e graduanda em gestão de turismo.

Para comemorar um ano do Projeto Tainha, foi criado o "I Festival Maré Lança" na comunidade de Ponta dos Mangues, destinado a sensibilizar o grupo no sentido de fortalecer o sentimento de pertencimento, no qual se verificou o envolvimento dos moradores em todas as atividades do festival, tais como: roda de capoeira, curso de fotografias, xilogravura, serigrafia, hospedagem e alimentação. O festival ocorreu nos dias 17 e 18 de agosto de 2013, e suas atividades foram organizadas da seguinte forma:

1º dia – Atividades do festival: apresentação do evento em vídeo no interior da igreja; exposição fotográfica nas fachadas das casas; concurso do maior cacho de coco; varal de xilogravuras exposto na frente da igreja; venda de vestuário com a marca do festival; à noite forró pé de serra para confraternizar comunidade/turistas, acrescentado de um leilão para arrecadar fundos para a construção do cemitério.

2º dia – gincana; corrida de saco; corrida de ovo na colher; pau de sebo; brincadeira de roda; capoeira; concurso de comida típica; apresentação do Ileriô; corrida de barco e forró pé de serra.

A partir das atividades, foi possível perceber as vocações da comunidade, bem como sua integração, as quais são fundamentais para a atividade turística comunitária. Em virtude de o festival ocorrer em dois dias, foi necessário dormir na comunidade, o que foi bastante interessante para conhecer a vivência de um turista na região. A hospedagem dos turistas que participaram do festival aconteceu nas

casas dos moradores do local, dormindo em quartos simples, porém bastante aconchegantes e limpos, sendo que alguns visitantes ficaram acampados no quintal. As refeições foram feitas também na própria casa.

A exposição fotográfica utilizava molduras confeccionadas com taboa por uma artesã local. A taboa é uma planta hidrófita típica de brejos, manguezais, várzeas e outros espelhos de águas. Mede cerca de dois metros e na época de reprodução apresenta espigas da cor café, contendo milhões de sementes que se espalham pelo vento. No que se refere ao Ileriô, é importante informar que se trata de um grupo folclórico formado por cerca de 40 pessoas do município de Pirambu/SE e região, entre pescadores, aposentados, estudantes e beneficiadoras de camarão, com idades variando entre os 12 e os 80 anos. O Ileriô apresenta danças e cantigas regionais, como coco e quadrilha, preservando assim o patrimônio imaterial de Pirambu. Também fala das tartarugas marinhas no seu repertório, tornando-se um importante difusor da mensagem conservacionista do Projeto Tamar – Projeto Tartarugas Marinhas, através da música e da dança.

4.2 CITUR – Circuito de Turismo Rural de Foz do Iguaçu

O Circuito foi criado em 2008 através do Projeto Rede Solidária Agroecológica - RESA, fortalecido em 2009 com o Projeto Turismo e Economia Solidária no Paraná – Etur, orientado pelo ITCP/UFPR e desenvolvido em parceria com a Incubadora de Direitos Institucionais e Organizações Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – INDIOS/UNIOESTE e a ONG Instituto de Desenvolvimento de Estudos Interdisciplinares, Ambientais e Sustentáveis – IDEIAS, com apoio da Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu – SMTU e do Ministério do Turismo – MTur através da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP. Desde então, o grupo trabalha com ferramentas de construção coletiva como a pesquisa ação, diagnóstico participativo e reuniões periódicas, além de oficinas e participação em eventos. Todo um processo que gerou como resultado principal o reconhecimento do grupo e fortalecimento da identidade.

O CITUR – Circuito de Turismo Rural de Foz do Iguaçu, localizado na cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná,é composto por 03 unidades familiares

produtivas: o Recanto das Artes, Berlanda Colonial e Recanto da Paz, tendo como trabalhos principais a produção agroecológica de alimentos, a transformação de produtos em agroindústria, os artesanatos em madeira e fibras naturais e serviços turísticos.

O Recanto das Artes é uma pequena propriedade rural com área de quatro hectares (4ha), situada na comunidade do Lote Grande, onde o casal Dario e Enelivive e trabalha com artesanatos em fibras de bananeira e móveis rústicos com madeira reaproveitada, incorporando também algumas peças antigas como rodas de carroça, polias e barris. O casal se dedica a essa atividade a cerca de 8 anos, tendo produzido aproximadamente 1.200 peças únicas, tornando esse trabalho a principal fonte de renda da família.

Na propriedade é possível visitar a oficina do casal, fazer uma trilha contemplativa em uma área de floresta nativa, adquirir peças de artesanato, e principalmente, desfrutar da hospitalidade do casal numa boa prosa acompanhada de chimarrão ou um belo café campesino.

A Berlanda Colonial é um sítio localizado na comunidade Arroio Dourado que conta com uma infraestrutura de uma agroindústria em operação, onde são produzidos bolachas, doces, pães, conservas, compotas, licores e massas em geral.

Quanto aos serviços, é oferecido aos visitantes um delicioso café campesino e uma trilha com aproximadamente 2 horas pela mata preservada, sempre acompanhado dos proprietários/guias, para apreciar a beleza da fauna e flora local e os produtos podem ser adquiridos no local ou sob encomenda.

O Recanto da Paz é um sítio agroecológico com 19,7 hectares, situado na comunidade Sanga Funda, focado na produção agrícola de alimentos saudáveis. Foi adquirido no ano de 1975 e desde lá, vem se adaptando para esse tipo de produção que concilia o respeito ao meio ambiente.

Em 1994, o idealizador e proprietário Joaquim Hercílio de Jesus, que possui 62 anos, iniciou um trabalho pioneiro na recepção de visitantes no recinto e atualmente trabalha com serviços de pesque e pague, contemplação da natureza e do canto de pássaros nativos, espaço para piquenique e churrasco, hidromassagem natural, terapia com argila (figura 4), trilhas, caminhadas e passeio de charrete, almoço rural com produtos do próprio sítio, hospedagem domiciliar e em pousada, e

a possibilidade de vivenciar o autentico cotidiano de uma família tradicionalmente agricultora, como se observa na figura 5 a colheita da mandioca. Frequentemente tem recebido visitas de estudantes, pesquisadores e pessoas das mais diversas áreas. Apesar das dificuldades, Joaquim enfatiza que:

> Esse trabalho a gente faz com muita alegria, às vezes um pouco constrangido, porque nós temos acesso difícil a nossa propriedade, muitas vezes as nossas autoridades não nos dão o necessário possível, o mínimo que eles dariam seria o acesso digno de chegar e sair da propriedade (Joaquim, proprietário Recanto da Paz, 2013).

O CITUR objetiva o reconhecimento público da importância de suas atividades produtivas executadas por meio da oferta turística em seus espaços de vivência. A prática de suas atividades individuais e coletivas efetiva-se nas periferias rurais do município de Foz do Iguaçu, oferecendo alimentos seguros para os visitantes nos momentos de recepção em seus espaços e roteiros coletivos e também para a população local e regional nas feiras e eventos onde participam.

As visitas individuais às propriedades são reguladas pelas datas e horários disponibilizados por cada uma delas. Já o agendamento de visitas em grupos, visitas técnicas, hospedagem ou eventos especiais pode ser feito por telefone, contato por e-mail ou formulário. Para subsidiar esta pesquisa, foi uma experiência única visitar todas as propriedades do CITUR, porém, tendo o Recanto da Paz como foco basilar desta pesquisa. Foi na segunda metade da década de 1990 que foi “plantada” essa semente. Percebendo a necessidade em diversificar a propriedade de 19,7 hectares, Joaquim começou a realizar este sonho. Em entrevista realizada com o proprietário, ele destaca:

> Eu sou um dos teimosos que não desiste. Nunca desisto. Eu sempre vou em busca de sonhos e objetivos saudáveis, né? Então esse turismo de base comunitária surgiu quando eu percebi que a propriedade não podia ficar plantando soja, milho e fazendo só uma ou duas safras por ano (Joaquim, proprietário Recanto da Paz, 2013).

Os donos das propriedades que compõem o CITUR periodicamente participam de reuniões que visam discutir as possibilidades e desafios, a situação

que cada um se encontra, além de traçar estratégias. Questionado sobre essas reuniões do CITUR, ele diz:

> Geralmente a gente já deixa pautado qual seria os assuntos a serem tratados na próxima reunião. Mas vamos lá, cada um tem o seu instrumento, toca uma música, canta, e temos alimentos também. Aquele que recebe, ele vai preparar o alimento. Vai preparar o alimento do jeito que ele quer, típico, diferente, surpresa. Então isso é muito bom. Além de que a gente vai abrir a propriedade, receber as pessoas na propriedade, o convívio familiar, onde a família se encontra pra cantar, pra [...] Isso é saudável demais, sabe? (Joaquim, proprietário Recanto da Paz, 2013).

O Recanto da Paz tem uma capacidade de carga de aproximadamente 25 pessoas diariamente, o que possibilita aos visitantes terem uma atenção toda especial. Joaquim destaca que:

> Nós temos que trabalhar com menos pessoas e atender melhor as pessoas, porque o nosso melhor produto é o nosso bom atendimento, a nossa cortesia, a nossa simplicidade, o que nós temos no campo (Joaquim, proprietário Recanto da Paz, 2013).

Essas experiências demonstram a importância que o Turismo de Base Comunitária possui para as comunidades, os visitantes e a localidade em que se encontra. Provoca geração de emprego e renda, aumenta as possibilidades econômicas da região, promove o bem estar da região e dos integrantes da comunidade, além de oferecer a oportunidade dos visitantes vivenciarem a realidade de um ambiente rural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos apresentados neste trabalho demonstram que o TBC mostra-se como uma excelente alternativa para as comunidades do meio rural do interior, o qual vai além do benefício econômico que as populações locais podem ter com o aumento no fluxo de visitantes. Ademais, o turismo de base comunitária provoca a valorização da identidade cultural das populações, lutando pela manutenção de seus modos de vida, pelo direito à terra, estimula a criação de redes solidárias, através da criação de novos vínculos sociais, econômicos, histórico e culturais.

Para tanto, é necessário o estabelecimento de parcerias com instituições públicas, privadas e o terceiro setor, trazendo assim uma contribuição social e econômica, além de levantar questões sobre a valorização do meio ambiente, dos patrimônios históricos e culturais na região, e também uma alternativa complementar de geração de renda para a comunidade local, evitando assim o êxodo rural.

Diante do contexto, é esperado que turismo de base comunitária se consolide como um fomentador sócio-econômico e ambiental nas referidas comunidades, contribuindo para melhoria das condições de vida da população da região rural, promovendo a sustentabilidade e buscando uma resposta tanto para a problemática ambiental quanto para desigualdade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Guilherme P. de; GELBCKE, Daniele Lima. Turismo comunitário: Uma Perspectiva Ética e Educativa de Desenvolvimento. **Revista Turismo Visão e Ação**, Itajaí, v.10, n. 03, p. 357–377, set./dez.2008. Disponível em: <http://www6.univali.br /seer/index.php/rtva/article/view/770/625>. Acesso em: 15 out. 2013.

BARTHOLO, R; SANSOLO, D. G. e BURSZTYN (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Rural: Orientações Básicas.** 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BURSZTYN, Ivan. **Políticas Públicas de Turismo Visando a Inclusão Social.** 2005. 110 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CORIOLANO, Luzia Neide M. T. O Turismo Comunitário no Nordeste Brasileiro. In: BARTHOLO, R; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 277-288.

CORIOLANO, Luzia Neide M. T. **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.

DALE, P. J.; SILVA, J. Graziano da; VILARINHO, C. Turismo em Áreas Rurais: Suas Possibilidades e Limitações no Brasil. *In*: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M.; FROEHLICH, J. M. **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Maria: Centro Gráfico, 1998.

DUARTE, Luciana Rodrigues R. Os Fundamentos e o Fortalecimento do Turismo Comunitário a partir da Rede Tucum-CE. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, Novo Hamburgo, v. 1, n. 1, não paginado, 2013. Disponível em: <http://www.fate.edu .br/ojs/index.php/RGD/article/view/73>. Acesso em: 14 nov. 2013.

FABRINO, Nathália Hallack. **Turismo de Base Comunitária**: Dos Conceitos às Práticas e das Práticas aos Conceitos. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FORTUNATO, R. A.; SILVA, L. S. Os Conflitos em Torno do Turismo Comunitário na Prainha do Canto Verde (CE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 123-138, jan./abr. 2013.

GUZZATTI, Thaise Costa. **O Agroturismo como Instrumento de Desenvolvimento Rural**: Sistematização e Análise das Estratégias Utilizadas para a Implantação de um Programa de Agroturismo nas Encostas da Serra Geral Catarinense. 2003. 168 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MALDONADO, Carlos. O Turismo Rural Comunitário na América Latina: Gênesis, Características e Políticas. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25-44.

PIRES, J. H. S. et al. Circuito Iguaçu de Turismo Rural – CITUR: Perspectivas de Envolvimento e Trabalho. **Extensão em Foco**, Curitiba, n. 7, p. 31-41, jan./jun. 2011.

SAMPAIO, C. A. C.; HENRIQUEZ, C.; MANSUR, C. **Turismo Comunitário, Solidário e Sustentável**: Da Crítica às Ideias e das Ideias à Prática. Blumenau: Edifurb, 2011.

SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. Turismo de Base Comunitária: Potencialidade no Espaço Rural Brasileiro. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 142 – 161.

SILVA, Katia T. P.; RAMIRO, Rodrigo C.; TEIXEIRA, Breno S. Fomento ao Turismo de Base Comunitária: A Experiência do Ministério do Turismo. In: BARTHOLO, R; SANSOLO, D. G. e BURSZTYN (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

TULIK, Olga. **Do Conceito às Estratégias para o Desenvolvimento do Turismo Rural.** In: RODRIGUES, Adyr Balastreri (0rg.). **Turismo**: Desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec, 1997.

TURISOL. **Série Turisol**: Metodologias no Turismo Comunitário: Tucum. São Paulo: Rede Turisol, 2010.

ZAMIGNAN, Gabriela; SAMPAIO, Carlos Alberto C. Turismo de Base Comunitária como Perspectiva para a Preservação da Biodiversidade e de Modos de Vidas de Comunidades Tradicionais: A Experiência da Micro-bacia do Rio Sagrado, Morretes (PR). In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 5., 2010. Florianópolis. **Anais eletrônicos**... Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT1-142-147-20100809214216.pdf>. Acesso em: 15 out. 2013.